

Extratos de textos de Freud sobre a sublimação¹

1) *Três ensaios sobre a sexualidade infantil (1905 – GW V)*

[78-9] “**Formação reativa e sublimação**”

“Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia — na totalidade ou em sua maior parte — é desviada do uso sexual e voltada para outros fins. Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância.

“Também sobre o mecanismo desse processo de sublimação pode-se arriscar uma conjectura. As moções sexuais desses anos da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que estão diferidas as funções reprodutoras — o que constitui o traço principal do período de latência —, e por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Por conseguinte, elas despertam forças anímicas contrárias (moções reativas) que, para uma repressão [*Unterdrückung*] eficaz desse desprazer, erigem os diques psíquicos já mencionados: asco, vergonha e moral.*

* No caso aqui descrito a sublimação de forças pulsionais sexuais ocorre no caminho da formação reativa. Em geral, entretanto, pode-se diferenciar conceitualmente sublimação e formação reativa como dois processos diversos. Pode também haver sublimação através de mecanismos diferentes e mais simples.

[140-1] “**Sublimação**”

(3) O terceiro desfecho da disposição constitucional anormal é possibilitado pelo processo de “*sublimação*”, no qual as excitações hiperintensas provenientes das diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica. Aí encontramos uma das fontes da atividade artística, e, conforme tal sublimação seja mais ou menos completa, a análise caracterológica de pessoas altamente dotadas, sobretudo as de disposição artística, revela uma mescla, em diferentes proporções, de eficiência, perversão e neurose. Uma subvariedade da sublimação talvez seja a repressão [*Unterdrückung*] por

¹ Compilação realizada por Verlaine Freitas a partir de trechos da *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, da Editora Imago. A tradução foi integralmente revisada, e vários termos técnicos alterados, seguindo o *Vocabulário da psicanálise*, de Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontallis.

Os números entre colchetes referem-se às páginas dos textos originais em alemão, da *Gesammelte Werke*, Fischer Verlag, 1999.

formação reativa, que, como descobrimos, começa no período de latência da criança e, nos casos favoráveis, prossegue por toda a vida. Aquilo a que chamamos “caráter” de um homem constrói-se, numa boa medida, a partir do material das excitações sexuais, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras obtidas por sublimação, e de construções destinadas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis.* Por conseguinte, a disposição sexual universalmente perversa da infância pode ser considerada como a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, através da formação reativa, impulsiona a criação delas.”

* Em alguns traços de caráter foi reconhecido até mesmo um conjunto de determinados componentes erógenos. Assim a obstinação, parcimônia e ordem derivam da aplicação do erotismo anal. O orgulho é determinado por uma forte disposição do erotismo uretral.

2) *Moral sexual “civilizada” e doença sexual moderna (1908 – GW VII)*

[150-1] “A pulsão sexual — ou, mais corretamente, as pulsões sexuais, pois a investigação analítica nos ensina que a pulsão sexual é formada por muitos constituintes ou pulsões parciais — apresenta-se provavelmente mais vigorosamente desenvolvida no homem do que na maioria dos animais superiores, sendo sem dúvida mais constante, desde que superou completamente a periodicidade à qual é sujeita nos animais. Essa pulsão coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de *sublimação*. Contrastando com essa motilidade, na qual reside seu valor cultural, a pulsão sexual é passível também de fixar-se de uma forma particularmente obstinada, que a inutiliza e a leva algumas vezes a degenerar-se até as chamadas anormalidades. O vigor original da pulsão sexual provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida também acontece com a parcela da pulsão suscetível de sublimação. Parece-nos que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente qual parte de sua pulsão sexual será possível sublimar e utilizar. Além disso, os efeitos da experiência e das influências intelectuais sobre seu aparelho psíquico conseguem provocar a sublimação de uma outra parcela dessa pulsão. Entretanto, não é possível ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, da mesma forma que em nossas máquinas não é possível transformar todo o calor em energia mecânica. Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer frustração dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença.”

(...)

[152-3] “A constituição das pessoas que sofrem de inversão — os homossexuais — distingue-se amiúde pela especial aptidão de sua pulsão sexual para a sublimação cultural.”

(...)

[156] “O domínio da pulsão pela sublimação, defletindo as forças pulsionais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais tornam-se em grande maioria neuróticos ou sofrem alguma espécie de prejuízo. A experiência demonstra que a maior parte dos indivíduos que constituem a nossa sociedade não possuem a constituição necessária para enfrentar com êxito a tarefa de uma abstinência.”

(...)

[159-60] “A relação entre a quantidade de sublimação possível e a quantidade de atividade sexual necessária varia muito, naturalmente, de indivíduo para indivíduo, e mesmo de profissão para profissão. É difícil conceber um artista abstinente, mas certamente não é nenhuma raridade um jovem estudioso abstinente. Este último consegue por sua autodisciplina liberar energias para seus estudos, enquanto naquele provavelmente as experiências sexuais estimulam as realizações artísticas.”

3) *Caráter e erotismo anal (1908 – GW VII)*

[205] “Portanto, é plausível a suposição de que esses traços de caráter — a ordem, a parcimônia e a obstinação —, com frequência relevantes nos indivíduos que anteriormente eram anal-eróticos, sejam os primeiros e mais constantes resultados da sublimação do erotismo anal.”

(...)

[206] “A limpeza, a ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo.”

4) *Cinco lições de psicanálise (1910 – GW VIII)*

[24-5] “Agora, para dizê-lo mais diretamente: chegamos à convicção, pelo exame dos doentes histéricos e outros neuróticos, // de que o recalque da idéia, a que o desejo insuportável se liga, *fracassou*. Expeliram-na, sim, da consciência e da lembrança, e com isso aparentemente se livraram de grande soma de dissabores, *mas o impulso desejoso recalcado continua a existir no inconsciente*, fica à espreita de uma oportunidade para ser ativado, e então concebe a *formação substitutiva* do recalcado, disfarçado e irreconhecível, para lançar à consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pelo recalque. Esta formação substitutiva da idéia recalcada — o *sintoma* — é protegida contra as forças defensivas do ego e em lugar do breve conflito, começa então um sofrimento interminável. No sintoma, a par dos sinais do disfarce, podem reconhecer-se traços de semelhança com a idéia primitivamente recalcada. Pelo tratamento psicanalítico desvenda-se o trajeto ao longo do qual se realizou a formação substitutiva, e para a cura é necessário que o sintoma seja reconduzido pelo mesmo caminho até a idéia recalcada. Uma vez restituído à atividade mental consciente aquilo que fora recalcado — e isso pressupõe que consideráveis resistências tenham sido desfeitas — o conflito psíquico que desse modo se originara e que o doente quis evitar, alcança, orientado pelo médico, uma solução mais feliz do que a oferecida pelo recalque. Há várias dessas soluções para levar a bom termo conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do

doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama *sublimação* do desejo), ou, // finalmente, reconhece como *justa* a repulsa. Nesta última hipótese o mecanismo do recalque, automático e por isso mesmo insuficiente, é substituído por um julgamento de condenação com a ajuda das mais altas funções mentais do homem — o controle consciente do desejo é atingido.”

(...)

[58] “Conhecemos um processo de desenvolvimento muito mais conveniente, a chamada *sublimação*, pela qual a energia dos desejos infantis não é barrada, mas, ao contrário, permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quicá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes da pulsão sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. Ao reforço de energia para nossas funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as mais elevadas conquistas culturais. O recalque prematuro exclui a sublimação da pulsão recalcada; desfeito aquele, está novamente livre o caminho para a sublimação.”

(...)

[59] “A plasticidade dos componentes sexuais, manifesta na capacidade de sublimarem-se, pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade por intermédio da sublimação contínua e cada vez mais intensa. Mas assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia da pulsão sexual da sua finalidade própria. Nem o conseguiríamos. E se o cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos duma exploração abusiva.”

5) *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910 – GW VIII)*

[145] “A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria consegue orientar uma boa parte das forças pulsionais sexuais para sua atividade profissional. A pulsão sexual presta-se bem a isso, já que é dotada de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir sua meta imediata por outras desprovidas de caráter sexual e eventualmente mais altamente valorizadas. Aceitamos este processo como demonstrado sempre que na história da infância de uma pessoa — isto é, na história de seu desenvolvimento psíquico — evidenciamos que, na infância, essa pulsão poderosa foi usada para satisfazer interesses sexuais. Encontramos uma outra confirmação quando ocorre uma atrofia estranha durante a vida sexual da maturidade, como se uma parcela da atividade sexual houvesse sido agora substituída pela atividade da pulsão dominante.”

(...)

[146-7] “Quando o período de pesquisa sexual infantil chega a um final após um período de enérgico recalque sexual, // o impulso de pesquisa terá três possíveis diferentes vicissitudes, resultantes de sua relação primitiva com interesses sexuais. No primeiro caso, a pesquisa participa do destino da sexualidade; portanto, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do

pensamento. Este é o tipo caracterizado por uma inibição neurótica. Bem sabemos que o enfraquecimento intelectual adquirido nesse processo representa um fator efetivo na irrupção de uma enfermidade neurótica. Num segundo tipo, o desenvolvimento intelectual é suficientemente forte para resistir ao recalque sexual que o domina. Algum tempo após o término das pesquisas sexuais infantis, a inteligência, tendo se tornado mais forte, recorda a antiga associação e ajuda a evitar o recalque sexual, e a reprimida [*unterdrückt*] atividade sexual de pesquisa emerge do inconsciente sob a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não-livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais com o prazer e a angústia característicos dos processos sexuais. Neste caso, a pesquisa torna-se uma atividade sexual, muitas vezes a única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas substitui a satisfação sexual; mas o caráter interminável das pesquisas infantis é também repetido no fato de que tal preocupação nunca termina e que o sentimento intelectual, tão desejado, de alcançar uma solução, torna-se cada vez mais distante.

[147-8] “Devido a uma predisposição especial, o terceiro tipo, que é o mais raro e mais perfeito, escapa tanto à inibição do pensamento quanto ao pensamento neurótico compulsivo. É verdade que nele também existe o recalque sexual, mas ele não consegue relegar para o inconsciente um componente pulsional do desejo sexual. Em vez disso, a libido escapa ao destino do recalque sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se à poderosa pulsão de pesquisa como // forma de se fortalecer. Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substitutivo para a atividade sexual; mas, devido à total diferença nos processos psicológicos subjacentes (sublimação ao invés de um retorno do inconsciente), a qualidade neurótica está ausente; não há ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil e a pulsão pode agir livremente a serviço do interesse intelectual. O recalque sexual, que tornou a pulsão tão forte ao acrescentar-lhe libido sublimada, ainda influencia a pulsão, no sentido de fazê-la evitar qualquer preocupação com temas sexuais.”

(...)

[166-7] “Dados trabalhosamente compilados por estudiosos da civilização apresentam testemunho irrefutável de que primitivamente os genitais eram o orgulho e a esperança dos seres humanos; eram adorados // como deuses e transmitiam a essência divina de suas funções a todas as novas atividades humanas. Como resultado da sublimação de sua natureza básica criaram-se inúmeras divindades: e quando a conexão entre a religião oficial e a atividade sexual se tornou oculta da consciência geral, cultos secretos se dedicavam a conservá-la viva entre um certo número de iniciados. Durante o decurso do desenvolvimento cultural tanta coisa divina e sagrada foi, em última essência, extraída da sexualidade, que o remanescente, quase esgotado, foi desprezado.”

(...)

“[195] Quando alguém, como aconteceu com Leonardo, escapa à intimidação pelo pai durante a primeira infância e rompe as amarras da autoridade em suas pesquisas, muito nos admiraríamos se continuasse sendo um crente, incapaz de se desfazer dos dogmas religiosos. A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e

diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona. Verificamos, assim, que as raízes da necessidade de religião se encontram no complexo parental. O Deus todo-poderoso e justo e a Natureza bondosa aparecem-nos como magnas sublimações do pai e da mãe, ou melhor, como reminiscência e restaurações das idéias infantis sobre os mesmos. Biologicamente falando, o sentimento religioso origina-se na longa dependência e necessidade de ajuda da criança; e, mais tarde, quando percebe como é realmente frágil e desprotegida diante das grandes forças da vida, volta a sentir-se como na infância e procura então negar a sua própria dependência, por meio de uma regressiva renovação das forças que a protegiam na infância. A proteção contra doenças neuróticas, que a religião concede a seus crentes, é facilmente explicável: ela afasta o complexo parental, do qual depende o sentimento de culpa, quer no indivíduo quer na totalidade da raça humana, resolvendo-o para ele, enquanto o incrédulo tem de resolver sozinho o seu problema.”

(...)

[204-5] “Uma poderosa onda de recalque pôs fim a esse excesso infantil e determinou as disposições que se deveriam manifestar nos anos da puberdade. O resultado mais evidente da transformação foi o afastamento de toda atividade sexual grosseira. Leonardo estava // capacitado para viver em abstinência e dar a impressão de ser uma criatura assexuada. Quando ondas de excitações da puberdade chegaram ao adolescente, elas não o adoeceram forçando-o a procurar formações substitutivas custosas e prejudiciais. Devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de sua pulsão sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim ao recalque. Uma parte muito menor de sua libido continuou orientada para fins sexuais e representa a atrofiada vida sexual do adulto. Porque o amor que tinha pela mãe foi recalcado, esta parte foi levada a tomar uma atitude homossexual e manifestou-se no amor ideal por rapazes. A fixação em sua mãe e nas felizes lembranças de suas relações com ela continuou preservada no inconsciente, permanecendo, porém, inativa por algum tempo. Desse modo, o recalque, a fixação e a sublimação desempenharam sua parte absorvendo as contribuições da pulsão sexual para a vida mental de Leonardo.”

(...)

[208-9] “Ainda que o material histórico de que dispomos fosse muito abundante e os mecanismos psíquicos pudessem ser usados com a máxima segurança, existem dois pontos importantes onde uma pesquisa psicanalítica não nos consegue explicar por que razão é tão inevitável que a personagem estudada tenha seguido exatamente essa direção e não outra qualquer. No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de sua origem ilegítima e a ternura exagerada de sua mãe tiveram influência decisiva na formação de seu caráter e na sorte de seu destino, pois o recalque sexual que se estabeleceu depois dessa fase de sua infância levou-o a sublimar sua libido em ânsia de saber e estabelecer sua inatividade sexual para o resto de sua vida. Mas este // recalque após as primeiras satisfações eróticas da infância não tinha necessariamente de se estabelecer; em outra pessoa talvez não tivesse acontecido, ou talvez tivesse atingido proporções muito menores. Temos de reconhecer aqui uma margem de liberdade que não pode mais ser resolvida pela psicanálise. Assim, também, não podemos afirmar que a conseqüência dessa onda de recalque tivesse sido a única possível. É provável que

uma outra pessoa não tivesse conseguido livrar do recalque a maior parte da sua libido sublimando-a num desejo de conhecimentos; sob as mesmas influências, teria sofrido perturbação permanente de sua atividade intelectual ou adquirido uma disposição incoercível para a neurose obsessiva. Deixamos, portanto, estas duas características de Leonardo que não podem ser explicadas pela psicanálise: sua tendência muito especial para o recalque das pulsões e sua extraordinária capacidade para sublimar as pulsões primitivas.

[209] “As pulsões e suas transformações constituem o limite do que a psicanálise pode discernir; daí em diante cede lugar à investigação da biologia. Somos obrigados a procurar a fonte da tendência ao recalque e a capacidade para a sublimação nos fundamentos orgânicos do caráter, sobre o qual se vem erigir posteriormente a estrutura psíquica. Já que o talento artístico e a capacidade estão intimamente ligados à sublimação, temos de admitir que a natureza da função artística também não pode ser explicada através da psicanálise. A tendência da pesquisa biológica, hoje em dia, é explicar as principais características orgânicas de uma pessoa, como o resultado da mistura das disposições masculina e feminina, baseada em substâncias [químicas]. A beleza física de Leonardo e o fato de ser canhoto poderão ser mencionadas em apoio a este ponto de vista. Não abandonaremos, no entanto, o campo da pesquisa puramente psicológica. Nosso objetivo continua a ser demonstrar a relação que existe, // seguindo o caminho da atividade pulsional, entre as experiências externas de um indivíduo e suas reações. Mesmo que a psicanálise não esclareça o poder artístico de Leonardo, pelo menos torna, para nós, mais compreensíveis suas manifestações e suas limitações. Parece, em todo caso, que somente um homem que tivesse passado pelas experiências infantis de Leonardo poderia ter pintado a Mona Lisa e a Sant’Ana, ter acarretado um destino tão melancólico para suas obras e ter embarcado numa carreira tão extraordinária de cientista, como se a chave para todas as suas realizações e fracassos estivesse escondida na sua fantasia infantil sobre o abutre.”

6) *Tipos de desencadeamento da neurose (1912 – GW VIII)*

[323] “Há apenas duas possibilidades de permanecer sadio quando existe uma frustração persistente de satisfação no mundo real. A primeira é transformar a tensão psíquica em energia ativa, que permanece voltada para o mundo externo e acaba por arrancar dele uma satisfação real da libido. A segunda é renunciar à satisfação libidinal, sublimar a libido represada e voltá-la para a consecução de objetivos que não são mais eróticos e fogem à frustração. O fato de estas duas possibilidades serem realizadas nas vidas dos homens prova que a infelicidade não coincide com a neurose e que a frustração não decide sozinha se sua vítima permanece sadia ou tomba enferma.”

7) *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912 – GW VIII)*

[385] “(b) Outra tentação surge da atividade educativa que, no tratamento psicanalítico, incumbe ao médico, sem qualquer intenção deliberada de sua parte. Quando as inibições do desenvolvimento estão solucionadas, acontece, espontaneamente, que o médico se encontra na posição de indicar novos objetivos para as inclinações que foram liberadas. Não é, então, nada mais que uma ambição compreensível que ele se esforce por transformar em especialmente excelente uma

pessoa que ele lutou para livrar da neurose, e que determine altos propósitos para seus desejos. Mas novamente aqui o médico deve controlar-se e guiar-se pelas capacidades do paciente em vez de por seus próprios desejos. Nem todo neurótico possui grande talento para sublimação; pode-se presumir que muitos deles de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar suas pulsões. Se os pressionarmos indevidamente no sentido da sublimação e lhes cercearmos as satisfações pulsionais mais acessíveis e convenientes, geralmente tornar-lhe-emos a vida ainda mais árdua do que a sentem ser, de qualquer modo. Como médico, tem-se acima de tudo de ser tolerante com a fraqueza do paciente, e contentar-se em ter reconquistado certo grau de capacidade de trabalho e divertimento para uma pessoa mesmo de valor apenas moderado. A ambição educativa é de tão pouca utilidade quanto à ambição terapêutica. Deve-se, ademais, manter em mente que muitas pessoas caem enfermas exatamente devido à tentativa de sublimar as suas pulsões além do grau permitido por sua organização e que, naqueles que possuem capacidade de sublimação, o processo geralmente se dá espontaneamente, assim que as suas inibições são superadas pela análise. Em minha opinião, portanto, invariavelmente, esforços no sentido de usar o tratamento analítico para ocasionar a sublimação da pulsão — embora, fora de dúvida, sempre louváveis — estão longe de ser aconselháveis em todos os casos.”

8) *Para introduzir o narcisismo (1915 – GW X)*

[145-6] “Seria, naturalmente, uma questão diferente se se provasse que a teoria da libido já fracassou na tentativa de explicar essa segunda doença. Isso foi asseverado por C. G. Jung (1912) e é por causa disso que me vi obrigado a entrar nessa última discussão, da qual gostaria de ter sido poupado. Teria preferido seguir até o fim o caminho trilhado na análise do caso Schreber sem qualquer discussão de suas premissas. Mas a asserção de Jung é, para dizer o mínimo, prematura. Os fundamentos que apresenta para ela são deficientes. Em primeiro lugar, recorre a uma confissão, que eu teria feito, de que fora obrigado, devido às dificuldades da análise de Schreber, a estender o conceito de libido (isto é, a desistir de seu conteúdo sexual) e a identificar a libido com o interesse psíquico em geral. Ferenczi (1913b), numa crítica exaustiva à obra de Jung, já disse tudo o que é necessário a título de correção dessa interpretação errônea. Posso apenas corroborar sua crítica e repetir que jamais fiz tal retratação no tocante à teoria da libido. Outro argumento de Jung, a saber, que não podemos supor que a retirada da libido seja em si mesma suficiente para acarretar a perda da função normal da realidade, não é um argumento, mas um decreto. ‘Incorre em petição de princípio’ e poupa discussão, pois se e como isso é possível // era precisamente o ponto que devia estar sob investigação. Em sua grande obra seguinte, Jung (1913 [339-40]) simplesmente falha na solução que eu havia indicado: ‘Ao mesmo tempo’, escreve, ‘ainda há o seguinte a ser levado em consideração (um ponto ao qual, incidentalmente, Freud se refere em sua obra sobre o caso Schreber [1911c]) — que a introversão da *libido sexualis* conduz a um investimento do “ego”, e que possivelmente é isso que produz o resultado de uma perda da realidade. É realmente uma possibilidade tentadora explicar a psicologia da perda da realidade dessa maneira’. Mas Jung não vai muito além no exame dessa possibilidade. Algumas páginas adiante ele a põe de lado com a observação de que essa determinante ‘resultaria na psicologia de um anacoreta ascético, não em demência precoce’. Quão pouco essa analogia inadequada pode

ajudar-nos a resolver a questão fica claro pela consideração de que um anacoreta dessa espécie, que ‘tenta erradicar todos os traços de interesse sexual’ (mas só no sentido popular da palavra ‘sexual’), nem sequer necessariamente exhibe qualquer localização patogênica da libido. Ele pode ter desviado inteiramente seu interesse sexual dos seres humanos; contudo, pode tê-lo sublimado num interesse elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno a seu ego. Essa analogia pareceria excluir por antecipação a possibilidade de se estabelecer uma diferenciação entre o interesse que emana de fontes eróticas e os outros.”

(...)

[161] “Somos naturalmente levados a examinar a relação entre essa formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido de objeto e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma meta diferente e afastada da meta da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetual. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo. Na medida em que a sublimação descreve algo que tem que ver com a pulsão, e a idealização, algo que tem que ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro.

[161-2] “A formação de um ideal do ego é muitas vezes confundida com a sublimação da pulsão, em detrimento de nossa compreensão dos fatos. Um homem que tenha trocado seu narcisismo // para abrigar um ideal elevado do ego, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais. É verdade que o ideal do ego exige tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo. É precisamente nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do ego e a dose de sublimação de suas pulsões libidinais primitivos; e em geral é muito mais difícil convencer um idealista a respeito da localização inconveniente de sua libido do que um homem simples, cujas pretensões permaneceram mais moderadas. Além disso, a formação de um ideal do ego e a sublimação se acham relacionadas, de forma bem diferente, à causação da neurose. Como vimos, a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalque.”

9) Conferências introdutórias à psicanálise (1916-7 GW XI)

[390-1] “Antes de deixá-los ir, gostaria, contudo, de chamar-lhes um pouco mais a atenção para um aspecto da vida de fantasia que merece o mais amplo interesse. Isto porque existe um caminho que conduz da fantasia de volta à realidade — isto é, o caminho da arte. Um artista é, certamente, em princípio um introvertido, uma pessoa não muito distante da neurose. É uma pessoa oprimida por necessidades pulsionais demasiado intensas. Deseja conquistar honras, poder, riqueza, fama e o amor das mulheres; mas faltam-lhe os meios de conquistar essas satisfações. Conseqüentemente, assim como qualquer outro homem insatisfeito, afasta-se da realidade e transfere todo o seu interesse, e também toda a sua libido,

para as construções, plenas de desejos, de sua vida de fantasia, de onde o caminho pode levar à neurose. Sem dúvida, deve haver uma convergência de todos os tipos de coisas, para que tal não se torne o resultado completo de sua evolução; na verdade, sabe-se muito bem com quanta freqüência os artistas, em especial, sofrem de uma inibição parcial de sua eficiência devido à neurose. Sua constituição provavelmente conta com uma // intensa capacidade de sublimação e com determinado grau de frouxidão nos recalques, o que é decisivo para um conflito. Um artista encontra, porém, o caminho de retorno à realidade da seguinte maneira. A dizer a verdade, ele não é o único que leva uma vida de fantasia. O acesso à região eqüidistante da fantasia e da realidade é permitido pelo consentimento universal da humanidade, e todo aquele que sofre privação espera obter dela alívio e consolo. Entretanto, para aqueles que não são artistas, é muito limitada a produção de prazer que se deriva das fontes da fantasia. A crueldade de seus recalques força-os a se contentarem com esses estéreis devaneios aos quais é permitido o acesso à consciência. Um homem que é um verdadeiro artista, tem mais coisa à sua disposição. Em primeiro lugar, sabe como dar forma a seus devaneios de modo tal que estes perdem aquilo que neles é excessivamente pessoal e que afasta as demais pessoas, possibilitando que os outros compartilhem do prazer obtido nesses devaneios. Também sabe como abrandá-los de modo que não revelem sua origem em fontes proscritas. Além disso, possui o misterioso poder de moldar determinado material até que se torne imagem fiel de sua fantasia; e sabe, principalmente, pôr em conexão uma tão vasta produção de prazer com essa representação de sua fantasia inconsciente, que, pelo menos no momento considerado, os recalques são sobrepujados e suspensos. Se o artista é capaz de realizar tudo isso, possibilita a outras pessoas, novamente, obter consolo e alívio a partir de suas próprias fontes de prazer em seu inconsciente, que para elas se tornaram inacessíveis; granjeia a gratidão e a admiração delas, e, dessa forma, através de sua fantasia conseguiu o que originalmente alcançara apenas em sua fantasia — honras, poder e o amor das mulheres.”

10) *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”) (1918 GW XII)*

[94-5-6] “Ficaremos em melhor posição para compreender essas rumações se voltarmos a uma fase do seu desenvolvimento sexual que já mencionamos. Sabemos que, depois da recusa da sua Nanya e a conseqüente repressão [*Unterdrückung*] do início da atividade genital, a vida sexual do menino desenvolveu-se na direção do sadismo e do masoquismo. Maltratava e atormentava pequenos animais, imaginava-se batendo em cavalos e, por outro lado, imaginava o herdeiro ao trono sendo espancado.* No seu sadismo, mantinha a antiga identificação com o pai; mas, no masoquismo, escolhia-o como objeto sexual. Aprofundava-se numa fase da organização pré-genital que considero como predisposição à neurose obsessiva. A operação do sonho, que o colocou sob a influência da cena originária, podia tê-lo levado a fazer o avanço no sentido da organização genital e a transformar o masoquismo em relação ao pai numa atitude feminina, ou seja, em homossexualismo. O sonho, contudo, não provocou esse avanço; terminou em angústia. Poder-se-ia esperar que sua relação com o pai prosseguisse, do objetivo sexual de ser espancado para o objetivo seguinte, ou seja,

* Especialmente com marteladas no pênis.

o de ser possuído por ele, como uma mulher; mas, na verdade, devido à oposição da sua masculinidade narcísica, essa relação foi lançada de volta para uma etapa ainda mais primitiva. Foi deslocada para um substituto paterno e, ao mesmo tempo, dissociada na forma de um medo de ser comido pelo lobo. No entanto, isso de forma alguma a resolveu. Pelo contrário, só podemos fazer justiça à aparente complexidade da situação // tendo em mente a coexistência de três tendências sexuais do menino em relação ao pai. A partir da época do sonho, em seu inconsciente ele era homossexual e, em sua neurose, estava no nível do canibalismo; ao passo que a atitude anterior, masoquista, continuou a ser a dominante. Todas as três correntes tinham propósitos sexuais passivos; era o mesmo objeto e o mesmo impulso sexual, mas esse impulso tornara-se dividido ao longo dos três diferentes níveis.

“O conhecimento que tinha então da história sagrada lhe dava oportunidade de sublimar a sua atitude masoquista predominante em relação ao pai. O menino transformou-se em Cristo — o que se tornou particularmente fácil para ele em virtude da coincidência dos aniversários. Assim, transformou-se em algo grande e também (fato ao qual não foi dado o devido destaque) num homem. Surpreendemos um lampejo da sua atitude homossexual recalçada na dúvida em relação ao fato de Cristo ter um traseiro, pois essas ruminções não podem ter outro significado senão a questão de poder ele próprio ser usado pelo pai como uma mulher — como a mãe na cena primária. Quando chegamos à solução das outras idéias obsessivas, encontramos essa intervenção confirmada. Sua idéia de que era insultuoso relacionar a figura sagrada com tais insinuações, correspondia ao recalque do seu homossexualismo passivo. Perceba-se que ele estava empenhando-se em conservar sua nova sublimação livre da mistura que esta derivava de fontes na matéria recalçada. Mas não teve êxito.

Não compreendemos até agora por que se rebelou também contra o caráter passivo de Cristo e contra o tratamento recebido de seu Pai e, desse modo, começou também a renunciar ao seu ideal masoquista anterior, mesmo em sua sublimação. Podemos supor que esse segundo conflito era particularmente favorável ao afloramento de pensamentos obsessivos humilhantes do primeiro conflito (entre a corrente masoquista, dominante, e a homossexual, recalçada), pois é // natural que, num conflito mental, todas as correntes, de um lado ou de outro, se combinem uma com a outra, mesmo que tenham as mais diferentes origens.”

(...)

[150] “À parte esses fenômenos patológicos, pode-se dizer que, no presente caso, a religião atingiu todos os objetivos pelos quais é incluída na educação do indivíduo. Restringiu as impulsões sexuais do menino, propiciando-lhes uma sublimação e um ancoradouro seguro; diminuiu a importância das suas relações familiares e, desse modo, protegeu-o da ameaça do isolamento, dando-lhe acesso à grande comunidade humana. A criança indomada e cheia de medos tornou-se sociável, bem comportada e educável.

“A principal força motivadora da influência que a religião exerceu sobre ele era a sua identificação com a figura de Cristo, que se estabeleceu com facilidade devido à coincidência da data de seu nascimento. Ao longo desse caminho, o extravagante amor que tinha pelo pai, que tornara necessário o recalque, encontrou, finalmente, sua forma de sublimação ideal. Como Cristo, podia amar seu pai, que agora se chamava Deus, com um fervor do qual procurara em vão libertar-

se enquanto seu pai fora um mortal. O meio pelo qual podia testemunhar esse amor era estabelecido pela religião, sem ser perseguido por aquela sensação de culpa da qual seus sentimentos individuais de amor não conseguiam libertar-se. Assim, era-lhe ainda possível esgotar a sua corrente sexual mais profunda, que já se precipitara na forma de homossexualismo inconsciente; e, ao mesmo tempo, sua impulsão masoquista, mais superficial, encontrou uma sublimação incomparável, sem muita renúncia, na história da Paixão de Cristo, que, por ordem do seu divino Pai e em sua honra, deixara-se maltratar e sacrificar. Foi assim que a religião funcionou nessa criança anti-social — pela combinação, que proporcionava ao crente, de satisfação, de sublimação, de desvio dos processos sensuais para os puramente espirituais e de acesso ao relacionamento social.”

11) *O ego e o id (1923 GW XIII)*

[258] “A transposição da libido-de-objeto em libido narcísica, que assim se efetua, traz consigo um abandono das finalidades sexuais, uma dessexualização, portanto uma espécie de sublimação. Surge mesmo a questão digna de ser trabalhada de se esse não seria o caminho universal para a sublimação, de se toda sublimação não ocorreria através da mediação do ego, que inicialmente transmuta a libido-de-objeto sexual em narcísica, a fim de colocar-lhe, então, uma outra meta.”

(...)

[274-5] “Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia *sublimada*, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros — a de unir e ligar — na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade, ou tendência à unidade, que é particularmente característica do ego. Se os processos de pensamento, no sentido mais amplo, devem ser incluídos entre esses deslocamentos, então a atividade de pensar é também suprida pela sublimação de forças motivadoras eróticas.

“Chegamos aqui novamente à possibilidade, que já foi debatida, de que a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do ego. Será recordado o outro caso, em que o ego trata com os primeiros investimentos objetais do id (e certamente com os posteriores, também), retirando a libido deles para si próprio e ligando-as à alteração do ego produzida por meio da identificação. Essa transformação em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização. De qualquer modo, isto lança luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Na medida em que se apodera, assim, da libido dos investimentos do objeto, erige-se em objeto de amor único, e dessexualiza ou sublima a libido do id, // o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos pulsionais opostos. Ele tem de aquiescer em algumas dos outros investimentos objetais do id; tem, por assim dizer, de participar deles.”

(...)

[276] “A ejeção das substâncias sexuais no ato sexual corresponde, em certo sentido, à separação do soma e do plasma germinal. Isto explica a semelhança do estado que se segue à satisfação sexual completa com o ato de morrer, e o fato de a morte coincidir com o ato da cópula em alguns dos animais inferiores. Essas criaturas morrem no ato da reprodução porque, após Eros ter sido eliminado através do processo de satisfação, a pulsão de morte fica com as mãos livres para

realizar seus objetivos. Finalmente, como vimos, o ego, sublimando um pouco da libido para si próprio e para seus propósitos, auxilia o id em seu trabalho de dominar as tensões”

(...)

[284-5] “Não posso ir à frente em minha consideração dessas questões sem introduzir uma nova hipótese. O superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação. Parece então que, quando uma transformação desse tipo se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma des fusão pulsional. // Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da destruição que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa des fusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal — o seu ditatorial ‘farás’.”

(...)

[287] “Para com as duas classes de pulsões, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda as pulsões de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto das pulsões de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado.

“Mas, já que o trabalho de sublimação do ego resulta numa des fusão das pulsões e numa liberação das pulsões agressivas no superego, sua luta contra a libido expõe-no ao perigo de maus tratos e morte.”

12) “Teoria da libido” (1923 GW XIII)

[230] *Sublimação*. — Um atento exame das tendências sexuais, que por si mesmas eram acessíveis à psicanálise, nesse meio tempo conduziria a algumas descobertas notáveis e pormenorizadas. O que se descreve como pulsão sexual mostra ser de uma natureza altamente complexa e sujeita a decompor-se novamente em suas pulsões parciais. Cada pulsão parcial é inalteravelmente caracterizada por sua *fonte*, isto é, pela região ou zona do corpo da qual sua excitação se deriva. Cada uma delas possui, ademais, como aspectos distinguíveis, um *objeto* e uma *meta*. A meta é sempre a descarga acompanhada pela satisfação, mas é capaz de ser mudada da atividade para a passividade. O objeto acha-se menos estreitamente ligado à pulsão do que se supôs a princípio; é facilmente trocado por outro e, além disso, uma pulsão que possuía um objeto externo pode ser voltada // para o próprio eu do sujeito. As pulsões individuais podem permanecer independentes umas das outras ou — de um modo ainda inexplicável — combinar-se e fundir-se umas com as outras, para realizar um trabalho em comum. Podem também substituir-se mutuamente e transferir seu investimento libidinal umas para as outras, de forma que a satisfação de uma determinada pulsão pode assumir o lugar da satisfação de outras. A vicissitude mais significativa que uma pulsão pode experimentar parece ser a *sublimação*; aqui, tanto o objeto quanto a meta são modificados; assim, o que originalmente era uma pulsão sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior. Esses diferentes aspectos ainda não se combinam para formar um quadro integral.”

13) O mal-estar na civilização (1930 – GW XIV)

[437] “Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho psíquico possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos pulsionais de maneira que eludam a frustração do mundo externo.// Para isso, ela conta com a assistência da sublimação das pulsões. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais elevadas’. Contudo, sua intensidade se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de ímpetos pulsionais grosseiros e primários; ela não comove a nossa corporeidade. E o ponto fraco desse método reside em não ser geralmente aplicável, de uma vez que só é acessível a poucas pessoas. Pressupõe a posse de dotes e disposições especiais que, para qualquer fim prático, estão longe de serem comuns. E mesmo para os poucos que os possuem, o método não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento. Não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa.

//“Enquanto esse procedimento já mostra claramente uma intenção de nos tornar independentes do mundo externo pela busca da satisfação em processos psíquicos internos, o procedimento seguinte apresenta esses aspectos de modo ainda mais intenso. Nele, a distensão do vínculo com a realidade vai mais longe; a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre elas e a realidade interfira na sua fruição. A região onde essas ilusões se originam é a vida da fantasia; na época em que o desenvolvimento do senso de realidade se efetuou, essa região foi expressamente isentada das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo. À frente das satisfações obtidas através da fantasia ergue-se a fruição das obras de arte, fruição que, por intermédio do artista, é tornada acessível inclusive àqueles que não são criativos. As pessoas receptivas à influência da arte não lhe podem atribuir um valor alto demais como fonte de prazer e consolação na vida. Não obstante, a suave narcose a que a arte nos induz, não faz mais do que ocasionar um afastamento passageiro das pressões das necessidades vitais, não sendo suficientemente forte para nos levar a esquecer a aflição real.”

(...)

“Outras pulsões [além do erotismo anal] são induzidas a deslocar as condições de sua satisfação, a conduzi-las para outros caminhos. Na maioria dos casos, esse processo coincide com o da *sublimação* (dos fins pulsionais), com que nos achamos familiarizados; noutros, porém, pode diferenciar-se dele. A sublimação da pulsão constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma

vicissitude que foi imposta às pulsões de forma total pela civilização. Mas é melhor refletir melhor sobre isso.”